



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL - DTO**

Ana Clara Gutierrez
Lívia Maria Simões Dias

**O grupo “Cotidiano e Universidade” para estudantes autistas: Uma análise
da prática de terapia ocupacional**

**Everyday Life and University Group for Autistic Students: An Analysis of an Occupational
Therapy Practice**

**São Carlos
2025**

Sumário

PREFÁCIO.....	2
RESUMO.....	3
ABSTRACT.....	4
INTRODUÇÃO.....	5
OBJETIVO.....	8
METODOLOGIA.....	9
PROCESSO DE INTERVENÇÃO.....	10
ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
POSFÁCIO.....	18
REFERÊNCIAS.....	19

Prefácio

O surgimento do grupo “Cotidiano e Universidade” teve início com objetivo de se aproximar das demandas de pessoas autistas na universidade, sendo este projeto nossa primeira experiência com a prática em terapia ocupacional na graduação. A partir disso, surge, enquanto etapa inicial, o desenvolvimento de relações com o público alvo do projeto e, em consequência, um olhar dimensional sobre outras realidades de vida e do que é ser um estudante universitário.

Dessa forma, a possibilidade de experimentar uma prática no cuidado em saúde mental, conduzindo um grupo enquanto estudantes, que olhasse para necessidades-desejos de outros estudantes, permitiu a atenção às vivências cotidianas universitárias de forma mais sensível. Logo, a escolha de transformar a experiência em produto de TCC surge então a partir desses atravessamentos de estar em contato com um enquadre grupal que evidencia a singularidade de cada estudante, ao mesmo tempo, que a potência da construção da convivência, do coletivo.

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise crítica da prática desenvolvida no grupo de extensão “Cotidiano e Universidade para Estudantes Autistas”, ofertado pela Universidade Federal de São Carlos. O grupo teve por finalidade olhar para desejos e necessidades de estudantes autistas dentro da universidade e promover um espaço de convivência, experimentação e cuidado. O método desta pesquisa trata-se de uma Análise Crítica da Prática, construída a partir de registros sistemáticos dos encontros e baseado no referencial do Método da Terapia Ocupacional Dinâmica (MTOD). Para esta, participaram dezesseis estudantes de diferentes cursos, dos quais sete tiveram presença contínua. As atividades foram definidas de modo colaborativo, orientadas pelas necessidades e desejos expressos pelos próprios participantes. Três experiências foram destacadas: o Mapa Corporal Coletivo, a vivência do Teatro do Oprimido, e a automassagem com bolinhas sensoriais, as quais foram descritas no processo de intervenção. A análise evidenciou que a condução do grupo pautou-se na escuta sensível, na construção coletiva e na abertura ao imprevisível, valorizando a singularidade dos estudantes e a produção de significados no aqui-agora. As atividades funcionaram como dispositivos de reflexão, fortalecimento de vínculos e o convite ao fazer, configurando um espaço de cuidado e promoção de saúde no contexto universitário. Conclui-se que a prática analisada contribui para o aprimoramento das ações de terapia ocupacional voltadas ao público, oferecendo subsídios para políticas e intervenções que promovam inclusão e permanência estudantil.

Palavras-chave: Saúde mental; Terapia Ocupacional; Autismo; Universidade.

Abstract

This study presents a critical analysis of the practice developed within the extension group “Everyday Life and University for Autistic Students,” offered by the Federal University of São Carlos (UFSCar). The group aimed to address the desires and needs of autistic university students and to promote a space for social interaction, experimentation, and care. The research method consists of a Critical Practice Analysis, constructed from systematic records of the meetings and grounded in the framework of the Dynamic Occupational Therapy Method (MTOD). Sixteen students from different programs participated in the initiative, seven of whom attended consistently. The activities were collaboratively defined and guided by the needs and desires expressed by the participants themselves. Three experiences were highlighted: the Collective Body Map, the Theatre of the Oppressed activity, and self-massage using sensory balls, all of which were described in the intervention process. The analysis revealed that the group’s facilitation emphasized sensitive listening, collective construction, and openness to the unpredictable, valuing students’ singularities and the production of meaning in the here-and-now. The activities functioned as devices for reflection, strengthening bonds, and fostering engagement, configuring a space of care and health promotion within the university context. It is concluded that the practice examined contributes to the advancement of occupational therapy actions directed toward this population, offering support for policies and interventions that promote inclusion and student retention.

Keywords: Mental health; Occupational Therapy; Autism; University.

Introdução

Atualmente, entende-se o autismo como um transtorno do neurodesenvolvimento, o qual impacta principalmente nas áreas da comunicação e socialização. Algumas características advindas do autismo podem ocasionar desafios ocupacionais, como na educação e vida universitária. A educação consiste em um elemento importante no desenvolvimento e construção pessoal de um indivíduo, logo, a inclusão educacional e a garantia de que pessoas autistas conseguirão frequentar e usufruir de tais espaços é igualmente importante para o seu desenvolvimento (Monteiro, Barbosa; 2019). Sabe-se que é cada vez maior o número de ingressos na universidade de estudantes que precisam de algum tipo de apoio pedagógico (Ferrari, Sekkel; 2007). Esse dado acompanha também o número crescente de pessoas autistas entrando nas universidades. Há aumento do número de diagnósticos na fase adulta, o que significa que um estudante pode descobrir sobre seu autismo durante a graduação, tendo suas dificuldades reveladas paulatinamente (Ferrari, Sekkel; 2007).

A busca pela real inclusão da pessoa autista deve ocorrer em todos os âmbitos da sua existência, incluindo a vida educacional (Santos et al., 2020). Nesse sentido, deve-se considerar que a presença de pessoas com necessidades especiais no ensino superior é um tema novo, e o processo de inclusão precisa considerar a experiência e o reconhecimento da diferença. Logo, é necessário que haja uma atenção integral ao estudante autista buscando direcionar um cuidado e compreender os desafios enfrentados na vida universitária cotidiana (Ferrari; Sekkel, 2007). Olivete e Leite (2017) apresentaram um recorte que evidencia como o suporte social pode afetar diretamente a trajetória de um estudante universitário com autismo. As autoras trazem um estudo de caso que acompanha o percurso de um jovem universitário, o qual teve diversos problemas que afetaram sua saúde mental e seu desempenho acadêmico durante a graduação devido à falta de suporte social. Neste mesmo estudo, as autoras apresentam um comparativo com a experiência de pós-graduação deste mesmo jovem que, devido ao desenvolvimento de uma rede de suporte, trilhou essa etapa enfrentando menos dificuldades e desfrutando de vivências mais positivas no contexto universitário (dos Santos Liroa et al., 2024).

No trabalho de conclusão de curso intitulado “Terapia Ocupacional, corpo e a inclusão educacional de acadêmicos com transtornos do espectro autista no ensino superior”, Monteiro et al. (2019) buscam compreender o potencial da terapia ocupacional no processo de inclusão e enfrentamento das dificuldades de estudantes autistas no contexto universitário.

Foi possível compreender que os estudantes autistas que participaram da pesquisa possuíam dificuldades de identificar seus desafios no espaço universitário, além disso notou-se também dificuldades em percepções sobre si, sobre os outros e nas relações com professores. No que se refere à atuação em terapia ocupacional, as atividades corporais realizadas nesse trabalho foram reconhecidas como potencializadoras, no sentido pessoal e em relação ao engajamento ocupacional desses estudantes, no contexto acadêmico (Monteiro, Barbosa; 2019). Outros estudos, para além do campo da terapia ocupacional, como os de Fogaça et al. (2019, 2022b), referem que estimular habilidades sociais e planejamento acadêmico com estudantes universitários autistas, sobretudo aqueles com diagnóstico tardio, através de encontros presenciais, como grupos, tem se mostrado intervenções potentes que contribuem para a permanência estudantil e o sucesso acadêmico (dos Santos Liroa et al., 2024).

A discussão sobre as dificuldades da pessoa autista no ambiente universitário, é um campo que vem se expandindo (Santos et al., 2020), mas ainda há escassez que dificulta a formulação de ações e políticas que tornem o ambiente acadêmico mais inclusivo (Oliveira; Abreu, 2019). Logo, é importante que haja estudos que compreendam a experiência universitária para pessoas autistas, de forma a se considerar todos os seus âmbitos, sendo eles pedagógicos, sociais ou qualquer outro que se torne intrínseco ao cotidiano no contexto.

Nesta direção, valorizando a relevância da temática, este trabalho de conclusão de curso emerge da possibilidade de acompanhar um grupo de estudantes autistas. Refletir sobre suas experiências e narrativas no ambiente universitário e compreendê-las a partir de uma relação dialógica, pode contribuir para a construção de caminhos possíveis para inclusão e cuidado de suas demandas (Oliveira; Abreu, 2019).

O grupo “Cotidiano e Universidade” vem sendo ofertado desde o primeiro semestre de 2024. Esta análise de prática, entretanto, utilizará a experiência do grupo ocorrida no segundo semestre de 2024 (2024.2). O grupo é uma atividade de extensão ofertada para toda a comunidade da UFSCar, Campus São Carlos. Contudo, apenas estudantes de graduação se inscreveram para o semestre de 2024.2. Configura-se como um grupo de fluxo livre que não limita as inscrições em quantidade ou tempo específico, permitindo a entrada de novos integrantes durante todo o semestre.

O grupo se reúne semanalmente com encontros de duas horas de duração. No segundo semestre de 2024, o qual será tratado neste trabalho, teve inscrições de 16 estudantes de graduação. Trata-se de um grupo de fluxo livre, sem limite pré-estabelecido de participantes ou período específico para ingresso, o que possibilitou a entrada de novos integrantes ao longo de todo o semestre.

Objetivo

Sistematizar algumas atividades realizadas no grupo “Cotidiano e Universidade para estudantes autistas” de modo a desvelar possibilidades de cuidado em terapia ocupacional voltado a estudantes autistas na universidade.

Metodologia

O método da pesquisa corresponde a uma Análise Crítica da Prática. Logo, este trabalho configura-se como a análise crítica no contexto de uma ação prática da terapia ocupacional, uma abordagem que propõe a reflexão sistematizada sobre ações realizadas em contextos reais, buscando compreender e transformar a prática profissional a partir da vivência concreta. Para a construção desse material, foi realizado o registro semanal dos encontros em prontuário de forma detalhada de acesso restrito às autoras e supervisora. A metodologia adotada tem inspiração na abordagem qualitativa de pesquisa, cujo objetivo é de se descrever analiticamente e detalhadamente as ações realizadas, a fim colocar em síntese e refletir de maneira crítica acerca de intervenções e/ou práticas da profissão em diversos contextos, evidenciando avaliação, diagnóstico ocupacional, métodos e abordagens que compuseram tal raciocínio (REVISBRATO, 2025). Esse formato de publicização mostra-se uma estratégia potente de exemplificar a prática da terapia ocupacional a partir de experiências vividas pelo público alvo e pelos profissionais da profissão (Lowenfels et al. 2022). A análise crítica da prática envolve uma postura ativa de problematização, na qual as autoras deste trabalho se reconhecem como participantes do processo. A experiência foi vivenciada durante a atividade de extensão “Ações de cuidado em terapia ocupacional para estudantes autistas no campo da saúde mental universitária”, no período de 27 de novembro de 2024 a 19 de fevereiro de 2025.

Processo de intervenção

No período analisado, sete estudantes foram em todos os encontros, compareciam com frequência ou pelo menos foram em mais de um encontro. Todos eram estudantes de graduação de cursos diferentes como Terapia Ocupacional, Psicologia, Ciências Sociais, Pedagogia e TILSP (Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais). O grupo do semestre 2024.2 contou com dez encontros, sendo o encontro inicial de apresentação do grupo e integrantes. Os demais encontros e as atividades realizadas foram programadas a partir das necessidades e desejos dos integrantes do grupo, sempre sendo decidido no encontro anterior.

Nesse percurso, o que gostaríamos de dar destaque será justamente o processo livre e dinâmico de indicar e escolher atividades, em seguida de experimentar e construir sentidos sobre o que foi vivenciado, em uma dupla direção: conheço minhas necessidades e descubro desejos. Assim, apresentaremos três excertos da prática que nos ajudam a pensar sobre a composição de desejos-necessidades dos estudantes no grupo e que podem nos ajudar a pensar de modo mais amplo sobre o cuidado a essa população no contexto universitário.

Excerto 1: Atividade de Mapa Corporal

O mapa corporal foi a primeira atividade realizada pelo grupo que teve a duração de três encontros. O mapa corporal é uma ferramenta visual usada em pesquisas qualitativas que permite que as pessoas expressem suas experiências corporais de maneira criativa, crítica e reflexiva. Ele vai além da palavra falada ou escrita, valorizando o corpo como espaço de memória, emoção, subjetividade e resistência. É uma forma de fazer ciência que escuta, olha, sente e interpreta, abrindo espaço para verdades múltiplas e vivências singulares (Moreira; Conceição; 2020).

Posto isso, utilizamos a técnica do mapa corporal coletivo como uma atividade pensando em contemplar as questões que surgiram no encontro inicial: a sensação de não ser compreendido pelas pessoas tidas como típicas e a falta de identificação dentro do espaço da universidade. Diante disso, a criação do mapa guiado pelo título “Como vocês se veem no mundo?” foi uma indicação feita pelas coordenadoras do grupo a fim de conseguir contemplar as inúmeras discussões que se desdobraram da temática principal levantada neste primeiro encontro. Além disso, como se tratava de um primeiro dia e os participantes não possuíam vínculos entre si e conosco, a sugestão feita por parte das coordenadoras se tornou mais confortável e de fácil adesão aos participantes. Tal experimentação exigiu bastante

reflexão individual e coletiva. Conforme os participantes adicionavam suas questões ao mapa, discussões diversas aconteciam permitindo que os integrantes descobrissem que compartilhavam desde interesses a dores em comum. Isso permitiu a construção de uma relação de confiança inicial que foi importante para o decorrer dos futuros encontros. Dentre aquilo que surgiu no mapa, foram representadas imagens e expressões relacionadas a estereótipos associados à pessoa autista, identidade de gênero e sexualidade, características positivas auto reconhecidas, gostos pessoais, hiperfocos e violências da vivência neurodivergente na universidade. Posto isso, foi possível observar que a atividade contribuiu para o levantamento de temáticas e demandas em comum que os estudantes desejavam que orientassem as discussões dos encontros seguintes.

Excerto 2: Atividade de vivência do Teatro do Oprimido

A vivência do Teatro do Oprimido aconteceu no sexto encontro do grupo. O teatro do oprimido, criado por Augusto Boal, pode ser utilizado como ferramenta terapêutica e de desenvolvimento pessoal, oferecendo um espaço para a expressão, reflexão e transformação de experiências de opressão, permitindo protagonismo do sujeito oprimido, autoconhecimento e ressignificação das vivências a partir da compreensão de novos caminhos (Leão; Renó, 2021). Além disso, é considerado um método de intervenção social e política, haja vista que rompe com a passividade do espectador, o qual deixa de apenas observar e passa a atuar em cena, elaborando um papel ativo do sujeito oprimido (Alves et al., 2013). O teatro do oprimido pode ser compreendido como uma ferramenta promotora de justiça ocupacional, ou seja, garantir o direito que todos têm de participar de ocupações significativas que são essenciais para saúde e bem estar, haja vista que o caráter dinâmico e reflexivo evoca no sujeito a consciência do direito e acessibilidade (Alves et al., 2013).

Essa experimentação foi uma proposta que surgiu a partir da inquietação por parte dos integrantes de não conseguirem exigir seus direitos, por não se sentirem autorizados pela sociedade. As coordenadoras relataram sobre vivências experienciadas na graduação com o Teatro do Oprimido, o que despertou interesse dos participantes na experimentação da técnica. Assim, as coordenadoras do grupo, a pedidos dos estudantes, ajudaram na escolha da temática para a realização da atividade. Foi proposta então que a experiência disparadora para a vivência do teatro do oprimido fosse uma situação que eles haviam compartilhado no encontro: a dificuldade de usar o assento preferencial do ônibus pelo medo de outras pessoas questionarem as suas necessidades, haja vista que o autismo se trata de uma deficiência oculta.

Diante disso, o teatro do oprimido foi pensado para propor um cenário em que pudessem enfrentar suas necessidades, promovendo o protagonismo e a possibilidade de dizer e agir como gostariam, além de exercitar a cidadania num contexto grupal de segurança e reforçando o lugar de direito de tais indivíduos. No atual momento do grupo, os integrantes possuíam uma relação mais sólida entre si e com as coordenadoras, o que permitiu que a experimentação ocorresse de forma fluida e confortável para os participantes. Com quatro estudantes presentes, foi realizada uma vivência partindo da cena inicial em um ônibus onde uma pessoa questionava o estudante autista que utilizava o assento preferencial. Como resultado da experimentação, os participantes relataram uma dificuldade inicial de realmente se expressar, mas alegaram que a vivência foi importante para eles, permitindo uma compreensão mais subjetiva e individual de como se sentiram e como realmente gostariam de expressar esse sentimento. Além disso, citaram a diferença da experiência ter sido realizada em um espaço seguro, livre de julgamentos, permitindo que se sentissem mais confortáveis e agissem de acordo com como desejavam. Um participante que decidiu não experimentar a atividade, estando apenas como espectador, citou que a experiência ‘deu até dor de cabeça’, permitindo que o restante também concordasse com a fala, dizendo que situações como estas realmente geram sobrecarga e sintomas físicos como consequência. Essa observação se desdobrou no debate sobre essa e outras situações que ‘geram a sobrecarga’, colaborando para que o grupo continuasse o movimento em direção a novas experimentações e reflexões.

Excerto 3: Automassagem com bolinhas sensoriais

O momento da experimentação da automassagem com bolinhas sensoriais aconteceu no último encontro do grupo. A proposta surgiu da necessidade dos estudantes por momentos de auto cuidado devido ao cansaço que o final do semestre estava gerando na maioria dos estudantes do grupo, assim a atividade foi proposta pelas mediadoras em resposta a análise do movimento grupal a partir dos encontros anteriores, que comunicavam verbal e não verbalmente a necessidade de um momento de percepção de si mesmo. A ideia de automassagem também foi pensada a partir da tolerância sensorial de um dos integrantes a toques físicos, logo, sugerimos aprender uma atividade que pudesse viabilizar relaxamento de uma forma tolerante considerando a singularidade de cada um.

A atividade foi realizada com bolinhas tipo cravo, realizando movimentos que contemplavam diversas estruturas do corpo, como mãos, braços, ombros, lombar, panturrilhas e pés. A bolinha foi usada de forma individual, cada estudante com uma ou duas bolinhas cada, que passavam pelo próprio corpo respeitando uma ordem não obrigatória mas que foi

orientada pelas mediadoras. Para massagear algumas regiões específicas foi usado o apoio da parede e do chão, os quais traziam maior superfície de contato/apoio para a realização da massagem, dispensando a necessidade de um segundo indivíduo na realização da atividade. As mediadoras conduziram a prática no início, mas, com o tempo, os estudantes se sentiram à vontade para explorar as áreas do corpo onde mais sentiam tensão ou desconforto. Como resultado da experimentação, a aceitação da técnica foi muito positiva. Um dos estudantes comentou que utilizar a bolinha na lombar, com o apoio da parede, trouxe grande alívio para suas dores. Já outro estudante demonstrou interesse em adquirir as bolinhas e perguntou onde poderia comprá-las. De forma geral, o grupo avaliou que foi uma ótima estratégia para promover relaxamento e alívio de dores. Os participantes disseram que esta prática de ‘relaxamento’ poderia acontecer com mais regularidade, despertando também o interesse dos participantes em descobrir outras atividades com objetivos semelhantes.

A atividade foi vista como promotora de autocuidado diante da rotina universitária exaustiva, permitindo também que gerasse diálogos e escuta sobre a importância de um espaço de cuidado no cotidiano. Alguns estudantes presentes se sentiram confortáveis para falar sobre sua relação com a dor, nos contando sobre os diagnósticos de fibromialgia e dor crônica que possuíam. A prática aliviou as dores e permitiu que descobrissem novas técnicas de liberação e relaxamento, além de ter gerado identificação e compartilhamento a respeito de um assunto que as provoca sofrimento.

Análise crítica da prática

A terapia ocupacional alinhada às necessidades e desejos dos estudantes autistas

A partir da prática descrita se faz importante analisar os objetivos e desenvolvimento das atividades de forma crítica sob as lentes da terapia ocupacional. O desenvolvimento de grupos demanda como base atenção e sensibilidade a fim de permitir a compreensão das necessidades, demandas e desejos que surgem do movimento grupal, para possibilitar a criação ou ampliação das vivências dos sujeitos que dele participam. Nesse sentido, terapeutas ocupacionais têm como função dar dinamismo e continência para o desenrolar do grupo, afastando-se das compreensões de uma prática rígida e pré-definida e agarrando-se na possibilidade de construir e descobrir aquilo que o grupo nos revela (Maximiano e Liberman, 2015).

O desenvolvimento do processo interventivo no grupo “cotidiano e universidade” permitiu uma análise do fazer das estudantes-coordenadoras que reflete suas percepções teóricas ressaltando a atenção às subjetividades e àquilo que se mostrava significativo ao aqui-agora do grupo, assumindo que o sentido das atividades vividas (o que faz com que as atividades possam ser significativas ou não) pudesse ser dado após a experimentação. Assim, para a proposição das atividades foram consideradas questões anteriores que salientaram necessidades e desejos para se trabalhar uma questão ou tema. Tais resgates também são formas de validar e dar forma àquilo que surge como possibilidade.

Esta análise surgiu do movimento de ‘ação e reação’ do grupo, evidenciando necessidade-atividade, ou seja, o processo partia da questão ou de algum tema problemático que era apresentado, normalmente vindo de diálogos fluidos ou disparadores como ‘como vocês se veem na universidade?’. Em seguida, a dinâmica do grupo se encaminhava para a possibilidade da experimentação de alguma atividade, seja proposta pelos participantes ou pelas coordenadoras: ‘poderíamos testar X atividade?’. A experimentação podia ocorrer no mesmo dia, mas normalmente era decidida ao final de cada encontro, para que pudesse ser preparada para a próxima semana. A partir disso, a vivência era proposta de forma a propiciar uma participação livre, incentivando o envolvimento, a comunicação, a partilha e a identificação, na medida em que as atividades se associavam a questões que surgiam das necessidades-desejos do coletivo.

Diante disso, criava-se um espaço de experimentação, no qual os disparadores convidavam os participantes a experimentar atividades, as quais eles provavelmente não teriam contato se não naquele contexto específico. A possibilidade de realizar atividades,

tanto aquelas propostas pelos participantes como as indicadas pelas coordenadoras, permitiram que os estudantes se deparassem com outras perspectivas acerca da questão ou tema problemático trazidos por eles ou descobrirem formas, não antes conhecidas, de fazer, inclusive para ajudá-los a se auto regularem ou manejarem uma crise. Dessa forma, foi possível observar, como descrito por Benetton (1994), a instauração de um “campo experimental amplo” que permitiu processos de identificação, e de novas descobertas sobre si e sobre o mundo.

A indicação de atividades foi sempre sustentada na análise das necessidades e desejos do que ia sendo trocado e partilhado no grupo, mas sem que se buscasse por uma delimitação ou mesmo limitação do alcance dos sentidos e significados de tais experimentações (Benetton, 1994). Como exemplo disso, a indicação da experimentação do Teatro do Oprimido foi sugerida pelas coordenadoras após um diálogo que evidenciava a necessidade de expressão de si e comunicação por outros meios que não a fala. Para os participantes, a vivência permitiu uma melhor compreensão de si mesmo diante de situações de opressão, bem como alcançou os objetivos de experimentar melhores formas de compreender e expressar sentimentos. Assumindo a liberdade na experimentação das atividades e a compreensão de que os sentidos sobre a experiência são construídos dinamicamente, mesmo o participante que não se envolveu ativamente na atividade de teatro pode ser afetado, analisar o acontecimento e novas questões puderam ser deflagradas por ele. Benetton (1994) reforça que a função terapêutica na terapia ocupacional é sustentada pelas ações educativas; aprender e ensinar são centrais na arte do cuidado em terapia ocupacional.

Assim, terapeutas ocupacionais sustentam-se na observação do que se apresenta nos movimentos grupais, incluindo o que deriva da comunicação subjetiva e não verbal advinda da realização das atividades, expressões corporais e verbais, gestos e formas de fazer que sugerem e comunicam uma linguagem própria e singular. Em sequência, essas observações investigativas são traduzidas, comunicadas ao grupo, de modo a apresentar outros pontos de vista para estimular o debate, o diálogo e a criação - aqui reside também o potencial transformador das experimentações, que não são somente para serem feitas, mas para se conversar sobre elas (Benetton, 1994). Um exemplo disso, pode ser descrito quando foi realizado com o grupo a atividade do mapa corporal, dando possibilidade para cada participante escolher o que gostaria de representar enquanto individual e coletivo. A partir do processo da elaboração de cada elemento significativo, diálogos foram sendo construídos durante e ao final da atividade, os quais permitiram reflexões sobre a arte feita por cada um, o motivo da escolha do desenho, colagem ou frases, a análise sobre o uso dos materiais, a

nostalgia por trás do trabalho manual e expressivo, entre outras sensações despertadas através desse fazer, o que permitiu a descoberta de um sentimento novo (seja bom ou ruim) ao realizar uma atividade nunca feita antes.

Esse movimento deflagra a reflexão e compreensão daquilo que surgiu da experiência, tornando consequência da experimentação o debate de como aquilo foi vivenciado singularmente pelos participantes. Esta reflexão também pode ser considerada ‘produto’ do grupo, já que vem enquanto desenvolvimento coletivo alinhada aos objetivos grupais e que dá finalidade, sentido e colabora para a solução dos problemas evidenciados previamente (Cunha, Santos, 2009).

Além disso, nesse momento se fortalece o espaço afetivo construído no contexto grupal, uma vez que as trocas, reflexões e novas significações que emergem do processo, colaboram para a identificação com o grupo e para associações com novas ideias e atividades na direção da ampliação da saúde. De acordo com os conceitos de Maximiano, Petri e Carvalho (2012), saúde precisa ser caracterizada na singularidade do sujeito, como o que regula as possibilidades de ação. Assim, pode-se dizer que a prática do grupo Cotidiano e Universidade tem relação direta com a promoção e ampliação de saúde, uma vez que este fazer em terapia ocupacional colabora para a identificação de necessidades e desejos da vida cotidiana, permitindo experimentações, construção de possibilidades com potencial de produzir sentidos, de ser significativo, para a vida.

O processo de intervenção em Terapia Ocupacional aqui analisado, apresenta as subjetividades e potencialidades que emergiram sustentadas em um raciocínio dinâmico, construído nas possibilidades de se trabalhar nas incertezas e nas complexidades e, acima de tudo, valorizando a singularidade das pessoas que participaram desta prática (Gomes et al., 2022).

Considerações finais

Gostaríamos de destacar que o desenvolvimento das ações de cuidado no grupo “Cotidiano e Universidade” voltou-se para a oferta de um espaço que acolhe necessidades-desejos de estudantes autistas na universidade, buscando proporcionar experiências de convivência, experimentação e atenção às singularidades desses sujeitos. Tais características são essenciais para a construção de cuidado e promoção de bem-estar e autonomia nos espaços de circulação de pessoas autistas (Lai, 2023). A dialogicidade mostrou-se elemento central para valorizar a perspectiva dos participantes e fomentar a troca e a experimentação - sustentando a permanência e transformando a vivência universitária das pessoas autistas que estiveram conosco. Logo, consideramos que o grupo alcançou o objetivo de promover um espaço de aproximação das necessidades dos estudantes autistas na universidade sob ótica da terapia ocupacional, permitindo a interação e vinculação entre os estudantes e coordenadoras. Essa análise, rica em aspectos singulares de um grupo de estudantes, também se mostra potente na contribuição de futuras pesquisas e construções de práticas de cuidado no contexto universitário para tal público. Diante da análise da prática, destaca-se a importância de um raciocínio e prática que permitem o olhar atento às necessidades e desejos do grupo e daqueles que o compõem, além da valorização dos efeitos de tal enquadre grupal na vida universitária desses sujeitos.

Posfácio

Conforme o desenrolar do grupo e durante o processo reflexivo acerca da sistematização deste trabalho, destacaram-se potências importantes enquanto aquelas que colaboram para desenvolvimento pessoal e profissional de futuras terapeutas ocupacionais. Acreditamos que lidar com um grupo de fluxo livre em que as temáticas e atividades realizadas eram escolhidas de forma inusitada, nos permitiu desenvolver habilidades de guiar e construir encontros de qualidade diante do imprevisível, cuidado este que vai na contramão das atuais e frequentes formas de se fazer uma intervenção em terapia ocupacional, as quais se baseiam em técnicas e instrumentos estruturados, dando pouco espaço para o espontâneo.

Logo, diante de um cenário tão complexo e cheio de possibilidades, o desafio do qual mais nos deparamos foi o imprevisível que surge do movimento grupal, ou seja, aquilo que não se pode preparar anteriormente, e deve ser acolhido e entregue em ato no aqui e agora do grupo. Enquanto marca que carregamos desta experiência, destacamos a importância de lembrar aquilo que a terapia ocupacional nos ensina durante todos os anos de graduação, o olhar para o indivíduo enquanto ser complexo, que carrega uma história e o desejo de ser visto como alguém que pode “ser” e “fazer”.

Referências bibliográficas

ALVES, I.; GONTIJO, D. T.; ALVES, H. C.. Teatro do oprimido e Terapia Ocupacional: uma proposta de intervenção com jovens em situação de vulnerabilidade social / Theater of the oppressed and Occupational Therapy: a proposed action with youth in social vulnerability. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, [S. l.], v. 21, n. 2, 2013.

BENETTON, M. J. **Terapia ocupacional como instrumento nas ações de Saúde Mental**. 1994. Tese de Doutorado. [sn].

CUNHA, A. C. F., SANTOS, T. F. **A utilização do grupo como recurso terapêutico no processo da terapia ocupacional com clientes com transtornos psicóticos: apontamentos bibliográficos**. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, Jul-Dez 2009, v. 17, n.2, p 133-146.

DOS SANTOS LIROA, A. K., BENITEZ, P., BRANCO, A. P. S. C., & GUERREIRO, E. M. B. R. **Saúde mental de universitários autistas com diagnóstico tardio: Impacto na permanência estudantil**. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 13, n. 12, p. e138131247798, 2024. DOI: [10.33448/rsd-v13i12.47798](https://doi.org/10.33448/rsd-v13i12.47798). Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/47798>. Acesso em: 10 set. 2025.

FERRARI, M. A. L. D.; SEKKEL, M. C.. **Educação inclusiva no ensino superior: um novo desafio**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 27, n. 4, p. 636–647, dez. 2007.

LAI, M. **Mental Health Challenges faced by autistic people**. *Nature Human Behaviour*. Volume 7. October 2023. 1620–1637. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41562-023-01718-2>.

LEÃO, A., RENÓ, S. R. **O Teatro do Oprimido é uma estratégia potente para quê? Uma Experiência do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas**. *Relato de Experiência. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoRE2088>.

LOWENFELS, A. B., MAMTANI R., SOLOMON, L. W., MAISONNEUVE, P., & CHEEMA S. **The Value of Case Reports for Graduate Medical Education**. *Journal of Graduate Medical Education*, 14(5), 529–532, 2022. DOI: 10.4300/JGME-D-21-01115.1

MAXIMIANO, V., LIBERMAN, F. **Cenas em Formação: buscando na prática os pressupostos para o que fazemos com grupos**. In: Maximiano, V., Liberman, F. (ORGS). *Grupos e Terapia Ocupacional: Formação, pesquisa e ações*, v.1. São Paulo: Summus Editorial, 2015. p. 10-26.

MAXIMIANO, V. S., PETRI, E.C., CARVALHO, A. O. C. **A Compreensão de Saúde para o Método Terapia Ocupacional Dinâmica**. *Revista CETO*, 13 (13) 2012. p.34-40. Disponível em: <https://ceto.pro.br/wp-content/uploads/2021/03/05-varios-1.pdf>

MOREIRA, A. L. C., & CONCEIÇÃO, M. I. G.. (2020). **Corpos em Evidência: Contribuição do Mapa Corporal Narrado em Pesquisas com Populações Vulnerabilizadas**. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 36(spe), e36nspe13. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e36nspe13>

MONTEIRO, A. M. P; BARBOSA, J. V. **Terapia ocupacional, corpo e a inclusão educacional de acadêmicos com transtorno do espectro autista no ensino superior**.

Orientadora: Gisely Gabrieli Avelar Castro; Coorientadora: Cibele Braga Ferreira Nascimento. 2019. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Terapia Ocupacional) - Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefix/5704>. Acesso em: <https://bdm.ufpa.br/handle/prefix/5704>

OLIVEIRA, A. F. T. M.; ABREU, T. F. **A percepção do aluno com transtorno do espectro autista sobre o processo de inclusão na Universidade Federal de Goiás (UFG)**. Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial , v.6, n.2, p. 69-86, Jul.-Dez., 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Jess/Downloads/adm,+RDPEE,+v6,+n2,+2019+-+05+-+Artigo+04+-+Ana+F1%C3%A1via+Teodoro+de+Mendon%C3%A7a+OLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

REVISBRATO. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**. Disponível em: <https://www.revistarevisbrato.com/>. Acesso em: 07 jul. 2025.

SANTOS, W. F.; SANTANA, V. S.; DIAS, L. S. S.; TEIXEIRA, C. M. D.; PONDÉ, M. P. **A Inclusão da Pessoa com Autismo no Ensino Superior**. Revista *Entreideias: educação, cultura e sociedade*, [S. l.], v. 9, n. 3, 2020. DOI: 10.9771/re.v9i3.33786. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/33786>. Acesso em: 12 ago. 2024.